



CORPO COMO ESCALA E A AUTOMEDICAÇÃO COMO PRÁTICA DO CUIDADO DE SI REALIZADO POR TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS, EM CURITIBA E PONTA GROSSA, PARANÁ

Ramon de Oliveira Bieco Braga¹
Marcio José Ornat²

RESUMO

Esta pesquisa possui como questão central ‘como as travestis e mulheres transexuais realizam a automedicação como uma prática do cuidado de si, em Curitiba e Ponta Grossa, Paraná?’. Desse modo, para responder à questão mencionada, foi realizado 20 entrevistas com pessoas que se auto identificam como travestis e mulheres transexuais. Salienta-se que elas foram acessadas mediante o auxílio das Organizações Não Governamentais (ONG’s) Transgrupo Marcela Prado em Curitiba, Paraná, e Renascer em Ponta Grossa, Paraná. Compreendemos que o corpo travesti e transexual é ininteligível pela cisheteronormatividade. Assim, o cuidado de si desses corpos não ocorre da mesma forma que os corpos cisgênero, uma vez que elas vivenciam episódios de travestifobia e transfobia nos espaços de saúde, além de fazerem uso de hormônios femininos e intervenções cirúrgicas desassistidas pelos(as) profissionais da saúde. Destarte, elas realizam como prática do cuidado de si, a automedicação que se apresenta como um fenômeno a ser estudado pela Geografia da Saúde, a partir do corpo humano. Os resultados evidenciaram que a automedicação ocorre simultaneamente ao consumo de chá, pesquisa na internet e indicação de pessoas amigas, sobretudo outras travestis e mulheres transexuais que compõe a rede social das entrevistadas.

Palavras-chave: Automedicação; Cuidado de Si; Travestilidades; Transexualidades; Sexualidades.

ABSTRACT

This research has as a central question 'how do transvestites and transsexual women perform self-medication as a practice of self-care in Curitiba and Ponta Grossa, Paraná?'. Thus, to answer the question mentioned, 20 interviews were conducted with people who identify themselves as transvestites and transsexual women. It should be noted that they were accessed through the help of the Marcela Prado Transgroup Non-Governmental Organizations (NGOs) in Curitiba, Paraná, and Renascer in Ponta Grossa, Paraná. We understand that the transvestite and transsexual body is unintelligible by cisheteronormativity. Thus, the care of themselves of these bodies does not

1 Professor do curso de Geografia do Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). Professor de Geografia na Secretaria de Estado de Educação do Paraná (SEEDPR). Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Univeridade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bacharel em Geografia pela UFPR e Licenciado em Geografia pela UNIANDRADE, ramonbieco@hotmail.com;

2 Professor do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG. Graduado em Geografia pela UEPG, geogenero@gmail.com;



occur in the same way as the cisgender bodies, since they experience episodes of transvestiphobia and transphobia in health spaces, besides making use of female hormones and surgical interventions unassisted by health professionals. Thus, they perform as a practice of self-care, self-medication that presents itself as a phenomenon to be studied by the Geography of Health, from the human body. The results showed that self-medication occurs simultaneously with tea consumption, internet research and indication of friendly people, especially other transvestites and transsexual women who make up the social network of the interviewees.

Keywords: Self-medication; Self-care; Travestilities; Transsexualities; Sexualities.

INTRODUÇÃO

A presente reflexão teórica possuiu como questão problematizadora ‘como as travestis e mulheres transexuais realizam a automedicação como uma prática do cuidado de si, em Curitiba e Ponta Grossa, Paraná?’. Salienta-se que o presente texto compõe parte da pesquisa de doutoramento (BRAGA, 2020), defendida em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Geografia, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Nesta pesquisa, compreendemos que a automedicação realizada por travestis e mulheres transexuais, em Curitiba e em Ponta Grossa, Paraná, é uma prática que compõe o cuidado de si, uma vez que elas são marginalizadas na sociedade cisheteronormativa, sobretudo nas unidades de saúde em decorrência da travestifobia (aversão as travestis) e a transfobia (aversão as transexuais) que compõe a realização dos procedimentos do cuidado do corpo dessas pessoas.

Segundo denunciado por Silva, et. al. (2018), muitas travestis e mulheres transexuais possuem o atendimento médico negligenciado nas unidades de saúde, o que exorta elas a realizarem uma ação na escala que tem potência de ação, que é a do corpo, e assim, fazerem a automedicação.

Desse modo, salienta-se que a abordagem do grupo social de travestis e mulheres transexuais nesta pesquisa, se justifica por duas perspectivas, a saber: a) a vulnerabilidade social dessas pessoas, que é ratificada pelos registros extra oficiais de assassinatos, pois, segundo dados da Organização Não Governamental (ONG) internacional Transgender Europe (TGEU, 2017), o Brasil é o país onde mais se assassina travestis e transexuais no mundo. Conforme dados disponibilizados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2020), foi verificado um crescimento quantitativo de ‘travestifobia’ e ‘transfobia’ no território brasileiro, entre os anos 2008 a 2019, sendo que elas são assassinadas por armas de fogo, armas brancas, espancamento, dentre outras formas com requinte de crueldade. Além desse cenário, esta pesquisa se justifica, b) pela pouca abordagem das travestis e mulheres transexuais nas pesquisas acadêmicas geográficas brasileiras. Nesse contexto, com base em uma pesquisa bibliométrica realizada no Banco de Dissertações e Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), na área do conhecimento Geografia, até o ano 2020, foram identificadas poucas dissertações e teses que abordaram geograficamente o grupo de travestis e transexuais. Até o momento da realização do levantamento bibliográfico, foram identificadas as reflexões geográficas de Barbosa (2015), Barnart (2018), Cabral (2015), Carneiro (2014), Forno (2013), Freitas (2016), Nascimento (2015), Nascimento (2016), Ornat (2008; 2011) e Rodriguez (2012), sendo que nenhuma dessas pesquisas problematizaram o que a presente pesquisa problematiza, isto é, ‘como as travestis e mulheres transexuais realizam a automedicação como uma prática do cuidado de si, em Curitiba e Ponta Grossa, Paraná?’.



Com o interesse em responder à questão problematizadora desta pesquisa, o corpo das travestis e das mulheres transexuais foi concebido com base na literatura *Queer*, sobretudo pela percepção desconstrucionista do corpo humano, sob a ótica dos debates acadêmicos acerca dos estudos de gênero, sexualidades, travestilidades e transexualidades.

Para tanto, conforme refletido por Foucault ([1976] 2012), a partir do século XVII, o sexo do corpo humano passou a ser um elemento normatizado pelas instituições sociais como a Medicina, a Igreja, o Exército, o Estado, a Escola, etc. Para Rubin ([1984] 2003), essas instituições sociais produziram um discurso que normalizaram o corpo cisgênero e heterossexual como o corpo sadio, tornando patológico o corpo não cisgênero e não heterossexual como doente. Para Butler ([2003] 2016), o corpo das travestis e transexuais não apresentam linearidade entre sexo, gênero e desejo, pois como investigado por Ornat (2008; 2011), embora elas tenham nascido com órgão genital masculino, as travestis e mulheres transexuais se identificam pelos elementos identitários fluídos de gênero, sobretudo femininos como os vestidos, maquiagem, anéis, peitos, cinturas finas, etc. É com base nessas reflexões que o corpo das travestis e das mulheres transexuais é interpretado pelo DSM V (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) da Associação Americana de Psiquiatria (APA) como um corpo doente. Considerando o exposto, as práticas do cuidado de si que envolvem a automedicação, decorrem pela ininteligibilidade do corpo das travestis e mulheres transexuais nas unidades de saúde.

Estamos tratando de uma geografia específica, aquela da escala do corpo. Como afirmado por Silva et al (2013), a Geografia Brasileira, mesmo que tenha apresentado uma considerável expansão do campo das pesquisas relacionadas a gênero e sexualidades, ainda não explorou com maior intensidade o corpo como um aspecto geográfico. Segundo esta publicação, o corpo não é algo que pertence ao ser humano, mas é o próprio ser, que ganha existência social por meio das experiências corpóreas. Ele é também a fonte da ciência do limite com outras formas de vida. Há uma simultaneidade da forma como ele se apresenta e como é compreendido. E, a percepção que é elaborada sobre estes termos, constituída por tempo e espaço.

OPERACIONALIZAÇÃO

Compreendendo que os corpos travestis e transexuais compõe a sociedade cisheteronormativa, travestifóbica e transfóbica, esta pesquisa foi operacionalizada nos municípios de Curitiba e Ponta Grossa, ambos no estado do Paraná, situados a aproximadamente 100 km de distância um do outro. Nesses dois municípios, os autores que assinam a autoria deste texto, possuem vínculo com as ONG's Transgrupo Marcela Prado em Curitiba e Renascer em Ponta Grossa, o que tornou possível a realização da coleta de dados que ocorreu com base na técnica de entrevista semiestruturada, realizada com 20 pessoas que se auto identificam como travestis e mulheres transexuais. Conforme é indicado nas Figuras 1 e 2, as pessoas entrevistadas foram acessadas nas ONG's Transgrupo Marcela Prado (Curitiba) e Renascer (Ponta Grossa), com base na técnica estatística Snowball.

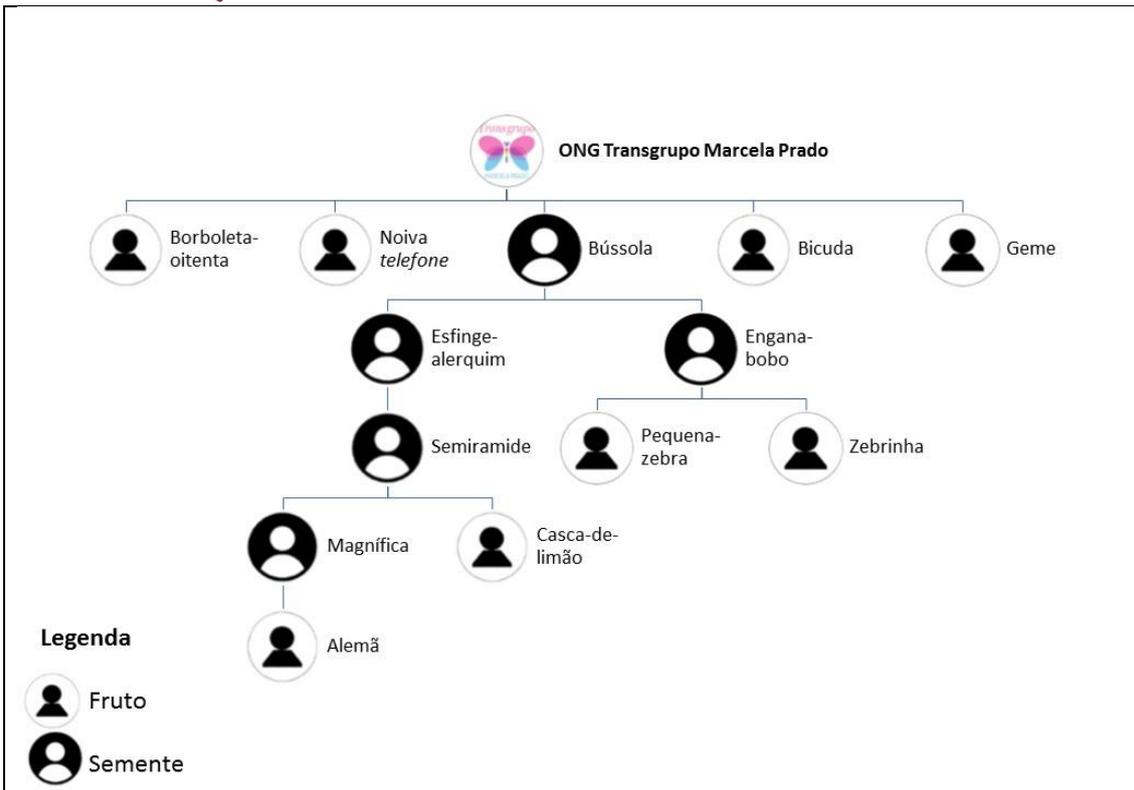


FIGURA 1 – ENTREVISTAS REALIZADAS MEDIANTE A ONG TRANSGRUPO MARCELA PRADO, EM CURITIBA, PARANÁ, COM BASE NA TÉCNICA SNOWBALL.

FONTE: As entrevistadas. Elaborado por Ramon O. B. Braga (2020).

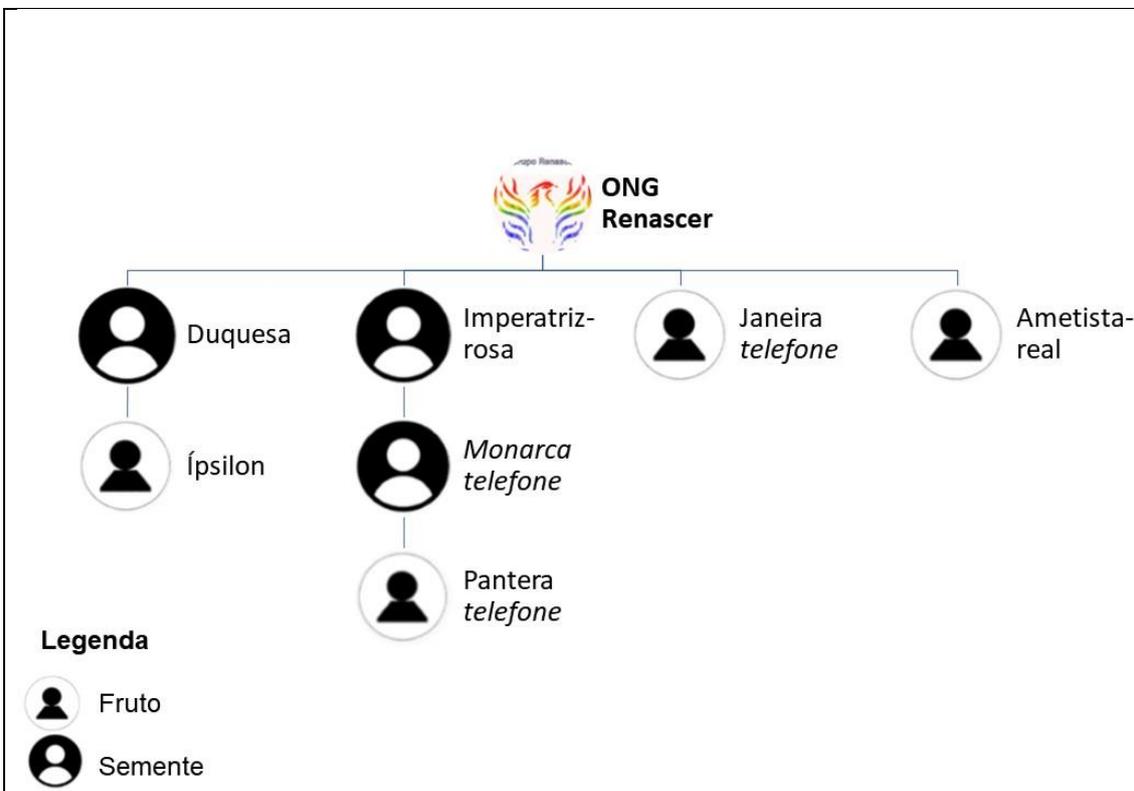


FIGURA 2 – ENTREVISTAS REALIZADAS MEDIANTE A ONG RENASCER, EM PONTA GROSSA, PARANÁ, COM BASE NA TÉCNICA SNOWBALL.

FONTE: As entrevistadas. Elaborado por Ramon O. B. Braga (2020).



A técnica de amostragem Snowball, segundo Goodman (1961), considera a rede social das pessoas entrevistadas, considerando que todas as pessoas do grupo social pesquisado, possuem igual ou semelhante oportunidade de participar da pesquisa. Assim, com base nas ONG's, as primeiras entrevistadas são acessadas. Essas, são denominadas por sementes. As sementes, indicam outras pessoas que são denominadas por fruto. As indicações são outras pessoas que se auto identificam como travestis ou mulheres transexuais e aceitam participar da entrevista. Contudo, chega um momento que durante a realização da coleta de dados, o campo satura e não existe mais novidade nas entrevistas. Logo, nesta pesquisa, percebemos que não existia mais novidades nas entrevistas, a partir da 15ª entrevista, conforme pode ser analisado na Figura 3. Porém, optamos por realizar as entrevistas que já tinham sido agendadas anteriormente e concluímos o campo com a participação de 20 pessoas entrevistadas.

As entrevistas tiveram o áudio gravado mediante autorização das entrevistadas e o conteúdo foi transcrito no software Word 2016. Para análise dos dados, foi realizado a análise de conteúdo (BARDIN, [1977]³ 2016), que subsidiou a inteligibilidade do fenômeno. Para resguardar a identidade das entrevistadas, optamos por ocultar o nome delas e usar nomes de borboletas que foram catalogadas por Buzzi (2009) – que não realizou pesquisas com travestis e mulheres transexuais.

Posterior a análise dos dados, foi possível identificar um conjunto de evocações sobre o 'cuidado de si'⁴ (27%). Em relação a esse conjunto de evocações, 19,5% se referem a 'automedicação', 5,2% a 'internet' e 3,9% sobre 'chá'. Justifica-se que o agrupamento dessas evocações se deve as práticas que são executadas por elas, no cuidado de si, ausentes de orientações médicas formais, bem como se realiza uma análise que as práticas de automedicação e ingestão de chá, são pesquisadas na internet.

3 Entre colchetes, apresentamos o ano da primeira edição da publicação do texto citado. Na sequência, o ano apresentado se refere ao ano da edição consultada.

4 Nesta reflexão teórica, utilizamos aspas simples no texto para indicar quando o termo se refere a categorias de análises, advinda da metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin ([1977] 2016).



FIGURA 3 – CRONOGRAMA DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS, EM CURITIBA E PONTA GROSSA, PARANÁ, ENTRE 17 DE JANEIRO DE 2017 A 23 DE ABRIL DE 2017.

FONTE: As entrevistadas. Elaborado por Ramon O. B. Braga (2020).



RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

Considerando a questão central desta pesquisa ‘como as travestis e mulheres transexuais realizam a automedicação como uma prática do cuidado de si, em Curitiba e Ponta Grossa, Paraná?’, foi possível verificar em trechos das entrevistas realizadas, que elas realizam a automedicação com base no que elas aprendem lendo reportagens na internet, bem como o que elas aprendem com base na vivência social com amigas travestis e transexuais.

Assim sendo, Janeira⁵ socializou que: “pra agravos menores, dores de cabeça menores, enfim, coisas mais básicas, eu me automedico e creio que na verdade pra nós, pessoas trans[exuais]⁶, a maioria acaba fazendo isso” (JANEIRA, 23 anos, entrevista realizada em 14/03/2017). O comentário de Janeira indica a interpretação de que a ‘automedicação’ é algo frequente na população de travestis e transexuais.

Corroborando com Janeira, nas evocações sobre ‘automedicação’ da categoria discursiva ‘cuidado de si’, foi possível averiguar que embora Duquesa reconheça que, como mencionado por ela, é ‘errado’ (sic.) a automedicação, a mesma decorre de alguns fatores como, por exemplo, o tempo de espera em uma unidade de saúde para ser atendida por um(a) médico(a).

Além dos cuidados relatados por Janeira e Duquesa, Bicuda demonstrou que ela sempre se automedica com o mesmo medicamento, pois, conforme assinalado por ela, sempre que ela vai no(a) médico(a), lhe é receitada a mesma medicação:

Se você vai no médico, ele dá uma vez. Se a gente vai no médico com dor de cabeça, os médicos dão ‘Paracetamol’. Você vai com dor de barriga, eles dão ‘Paracetamol’. Você vai não sei o que, eles dão ‘Paracetamol’. Então, assim, é praxe ‘Paracetamol’ e ‘Dorflex’ e a gente acaba tomando sem receita (BICUDA, 28 ANOS, ENTREVISTA REALIZADA EM 09/02/2017).

Bicuda assinalou que o hábito de se automedicar, está circunscrito na cultura, como pode ser analisado no seguinte trecho da entrevista:

Aí sempre vai por conta, né? Internet, pesquisa, quando a gente tá fraca, pesquisa e vai comprar vitamina, né? A gente tá com dor de cabeça, a gente vai e compra ‘Paracetamol’ da vida. A gente tá com uma dor no corpo, a gente vai e toma um ‘Paracetamol’, um ‘Dorflex’, eu acho que é a cultura, aquela cultura que vem de anos... a gente tá doente, vai lá, a mãe faz um chá, né? E da um remédio. Daí a gente já vem dessa cultura. Não tem aquela cultura de ficar sentindo e já correr no médico. O certo na verdade era ir antes, né? Fazer as consultas rotineiras pra você evitar que tenha algo assim, sabe? (BICUDA, 28 ANOS, ENTREVISTA REALIZADA EM 09/02/2017).

A automedicação também é uma prática apreendida com base nas consultas da ‘internet’ (5,2%), como foi indicado por Esfinge-alerquim (33 anos, entrevista realizada em 21/02/2017): “Aí tem o ‘Doutor Google’ (sic.), maravilhoso. Aí geralmente vem a automedicação mesmo, né?”.

5 A identidade das travestis e mulheres transexuais foram ocultada por nomes aleatórios de borboletas.

6 Nos trechos de entrevistas, quando inserimos algum complemento na fala da entrevistada, indicamos entre colchetes.



As consultas realizadas na internet pelas pessoas que objetivam realizarem o autodiagnóstico e/ou a automedicação, foi investigado por Moretti, Oliveira e Silva (2012) que entrevistaram 1.828 pessoas que residiam em diferentes estados brasileiros. A pesquisa demonstrou que 90% dos entrevistados pesquisam na internet informações para a sua própria saúde e cerca de 79% pesquisam informações para a saúde de familiares. Da amostragem, 89% autodeclararam o gênero feminino e afirmaram possuir mais confiança nos artigos on-line publicados por especialistas (76%) do que nos programas de rádio ou televisão (14%). Foi ainda verificado um índice de alta confiança nos livros on-line de saúde (55%), sites de sociedades médicas (51%), bibliotecas digitais de universidades (45%) e jornais e/ou revistas on-line (20%) como, por exemplo, o jornal ‘Folha’, ‘Estado’ e ‘UOL’.

As pesquisas na internet analisadas pelos autores, correspondem a sintomas de doenças, medicamentos para tratar as doenças, terapias alternativas, dietas, exercícios físicos, ansiedade, neoplasia e obesidade (MORETTI; OLIVEIRA; SILVA, 2012). Esse cenário foi verificado na entrevista de Imperatriz-rosa que, acessando vídeos na internet, afirmou ter apreendido aplicar injeção: “Na internet procuro aham, procuro doenças e sintomas. Medicação, até como aplicar uma injeção. Já. Não sabia aplicar, hoje em dia sei aplicar. Descobri pelo vídeo do... no Google, do Youtube” (IMPERATRIZ-ROSA, 37 anos, entrevista realizada em 22/04/2017).

As doenças e os sintomas comentados por Imperatriz-rosa, também são pesquisados na internet por Pantera (32 anos, entrevista realizada em 23/04/2017) que socializou: “Já pesquisei na internet sobre glaucoma só, mais nada. É que eu estava com muita dor atrás do olho, sabe? E não tinha nada haver, eu tenho problema na vista mesmo”.

Analisando essa situação, Bicuda exclamou:

Muitas [pessoas] procuram na internet. Se está ali, por exemplo, com uma mancha roxa ali, vão na internet, pesquisam sobre a mancha roxa. Às vezes pode ser um hematoma que a pessoa bateu. Elas passam inúmeras pomadas, inúmeros remédios, para tentar evitar, sendo que pode ser uma Doença Sexualmente Transmissível, que pode ‘correr’ (sic.) pelos órgãos se não for cuidado e muitas não vão mesmo no posto de saúde por conta desse ‘preconceito’ (sic.) (BICUDA, 28 ANOS, ENTREVISTA REALIZADA EM 09/02/2017).

O termo ‘preconceito’ mencionado por Bicuda, refere-se as situações de atendimentos inadequados apresentados na pesquisa de Braga (2020), referente a escala dos espaços formais de ‘saúde’. Os atendimentos inadequados, avaliados pelas travestis e mulheres transexuais, correspondem ao desrespeito pelo nome social, a negligência no atendimento médico e aos preconceitos sociais.

Em decorrência desse cenário, algumas travestis e mulheres transexuais realizam a automedicação e/ou fazem ingestão de ‘chá’ (3,9%) para cuidar de si. Nesse sentido, Noiva demonstrou que evita tomar medicamento e prefere ingerir chá:

Eu evito tomar medicamento. Eu evito porque eu acho que eu leio muito, assim, sabe? Eu sei que o ‘Ibuprofeno’ faz mal ficar tomando demais. Sei que remédios pra dor vão viciando e tal. Então, evito remédio, assim, sabe? Sempre tomo um chá, alguma coisa assim ou tento segurar, em últimos casos assim, eu tomo medicamento, né? Mas aí em últimos casos mesmo (NOIVA, 35 ANOS, ENTREVISTA REALIZADA EM 13/04/2017).



A prática de cuidar de si ingerindo chá, é um hábito compartilhado por Magnífica que afirmou beber chá antes de dormir: “tomo chá pra dormir. Assim, esses chazinhos de hortelã, chá de camomila, né? Que agora nesse frio a gente é obrigado a tomar, né?” (MAGNÍFICA, 50 anos, entrevista realizada em 12/04/2017).

Para Janeira, a prática do cuidar de si bebendo chá, contempla um método da medicina alternativa que ela declara ser adepta: “Sim. Tem chá, utilizo o floral de Bach, mas aí eu acredito bastante na medicina, nos métodos alternativos, nas práticas integrativas de saúde, né?” (JANEIRA, 23 anos, entrevista realizada em 14/03/2017).

Segundo Imperatriz-rosa, ela faz ingestão de chá de aroeira que, conforme uma pesquisa realizada por ela na internet, ela afirmou que: “‘descobri’ (sic.) que ela é bem boa até pra própria sífilis, né? Chá de aroeira, bastante cebola, alho” (IMPERATRIZ-ROSA, 37 anos, entrevista realizada em 22/04/2017). Todavia, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2015) não reconhece a ingestão de chá de aroeira como um tratamento para a sífilis, que deve ser tratada com base na ‘penicilina benzatina’, que é uma medicação injetável aplicada pelos(as) profissionais da saúde em uma unidade de saúde.

As práticas de ‘automedicação’, pesquisa na ‘internet’ e ingestão de ‘chá’ apresentadas, indica que o cuidado de si executado pelas travestis e mulheres transexuais, ocorre simultaneamente externo nas espacialidades formais de saúde. Embora o hábito de ingerir ‘chá’ não seja um método de tratamento científico das doenças, o consumo de chá é uma prática do cuidado de si executada pelas entrevistadas que objetiva promover a saúde do corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a questão central desta pesquisa que foi ‘como as travestis e mulheres transexuais realizam a automedicação como uma prática do cuidado de si, em Curitiba e Ponta Grossa, Paraná?’, compreendeu-se que a automedicação ocorre no contexto da vivência espacial dos corpos travestis e das mulheres transexuais. Ao acessarem as unidades de saúde, esses corpos são tratados como doentes pela não linearidade entre sexo, gênero e desejo. Aliado a essa perspectiva que desqualifica esses corpos, elas vivenciam episódios de travestifobia e transfobia. Nesse contexto, algumas pessoas evitam de ir buscar consultas médicas, para não ser violentadas pela travestifobia e transfobia.

Os resultados obtidos indicam que a automedicação é uma prática do cuidado de si, ancorada no auxílio de pesquisas na internet para tratar algum sintoma, bem como com base na indicação de medicações e chá de pessoas conhecidas (familiares ou outras travestis e mulheres transexuais amigas) e medicamentos receitados repetidas vezes por profissionais da saúde, com é o caso de analgésicos.

A automedicação se apresentou como uma prática do cuidado de si inadequada, pois com base nas entrevistas realizadas, percebeu-se que existe a crença popular de que chá de aroeira é bom para o tratamento de sífilis, o que não é recomendado pelo Ministério da Saúde que orienta as pessoas a procurarem por profissionais da saúde qualificados que orientaram adequadamente o tratamento.

Salientamos ainda que existe uma necessidade de existir políticas públicas que incluam os corpos travestis e transexuais nas unidades de saúde, que assegure os direitos humanos de cuidado de si, bem como exista uma política pública que oriente as pessoas a não realizarem a automedicação desassistida por profissionais da saúde qualificados.



REFERÊNCIAS

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais. BENEVIDES, B.; NOGUEIRA, S. N. B. (org.). **Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. 2020.

BARBOSA, A. C. S. **A construção de corpos travestis**: trajetórias que falam de binarismos e subversões no espaço escolar. 100 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2015.

BARNART, F. **As travestilidades na ditadura**: a interdição e a resistência de travestis em Porto Alegre, na década de 1970. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre/RS, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1ª edição. São Paulo/SP: Edições 70, [1977] 2016.

BRAGA, R. O. B. **Espaço e as práticas do cuidado de si, na relação saúde/doença do corpo das travestis e mulheres transexuais em Curitiba e Ponta Grossa, Paraná**. 438 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, 2020.

BRASIL. MS – Ministério da Saúde. **Doenças Sexualmente Transmissíveis**. 2015.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 11ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [2003] 2016.

BUZZI, Z. J. **Nomes populares de insetos e ácaros do Brasil**. Curitiba/PR: UFPR, 2009.

CABRAL, V. **Espaço e morte nas representações sociais das travestis e transexuais femininas**. 101 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, 2015.

CARNEIRO, M. T. **Vivências espaciais da saúde no grupo de travestis e transexuais na cidade de Ponta Grossa – Paraná**. 109 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, 2014.

FORNO, L. R. D. **A festa da diversidade em Cruz Alta-RS como território de exercício da sexualidade LGBT e de seu reconhecimento social**. 146 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 22ª impressão. Rio de Janeiro/RJ: Edições Graal, [1976] 2012.



FREITAS, B. D. **Cidade, gênero e territorialidades LGBT em Uberlândia, MG**. 191 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2016.

GOODMAN, L. Snowball sampling. **Annals of Mathematical Statistics**, n.01, v.32, p.148-170, 1961.

MORETTI, F. A.; OLIVEIRA, V. E; SILVA, E. M. K. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública? **Rev. Assoc. Med. Bras.**, v. 58, n. 06, São Paulo/SP, p. 650-658, nov./dez. 2012.

NASCIMENTO, G. T. **Território e Territorialidade Travesti/Transexual em Três Lagoas**. 81 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2015.

NASCIMENTO, T. F. D. **Os terreiros de cultos afro-brasileiros e de origem africana como espaços possíveis às vivências travestis e transexuais**. 101 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2016.

ORNAT, M. J. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa/PR**. 160 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, 2008.

ORNAT, M. J. **Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do sul do Brasil**. 278 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

RODRIGUEZ, M. V. T. (RODRIGUEZ; M. I. T.). **Vivencias de sujetos em procesos transexualizadores y sus relaciones com el espacio urbano de Santiago de Chile**. 198 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente/SP, 2012.

RUBIN, G. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 80-81, [1984] 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sex0.pdf> Acesso em: 17/10/2021.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CESAR, T. R. A.; CHIMIN JUNIOR, A. B.; PRZYBYSZ, J. O Corpo como elemetno das Geografias Feministas e Queer: Um Desafio para a Análise no Brasil. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. **Geografias Malditas. Corpos, Sexualidades e Espaços**. Ponta Grossa/PR: Toda Palavra, 2013, p. 85 – 142.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CABRAL, V.; LEE, D.; RIQUELME, F. ‘Quando uma trans é morta, outras mil se levantam’: transnecropolítica e transresistência no Brasil. In: BENEVIDES, B.; SIMPSON, K. (org.). **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. 2018. p. 45-60.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA

AVENIDA PEGE
CAMPUS DIGITAL

TGEU – Transgender Europe. **Actualización TDoR 2017 TMM**. Nota de Prensa. 2017.